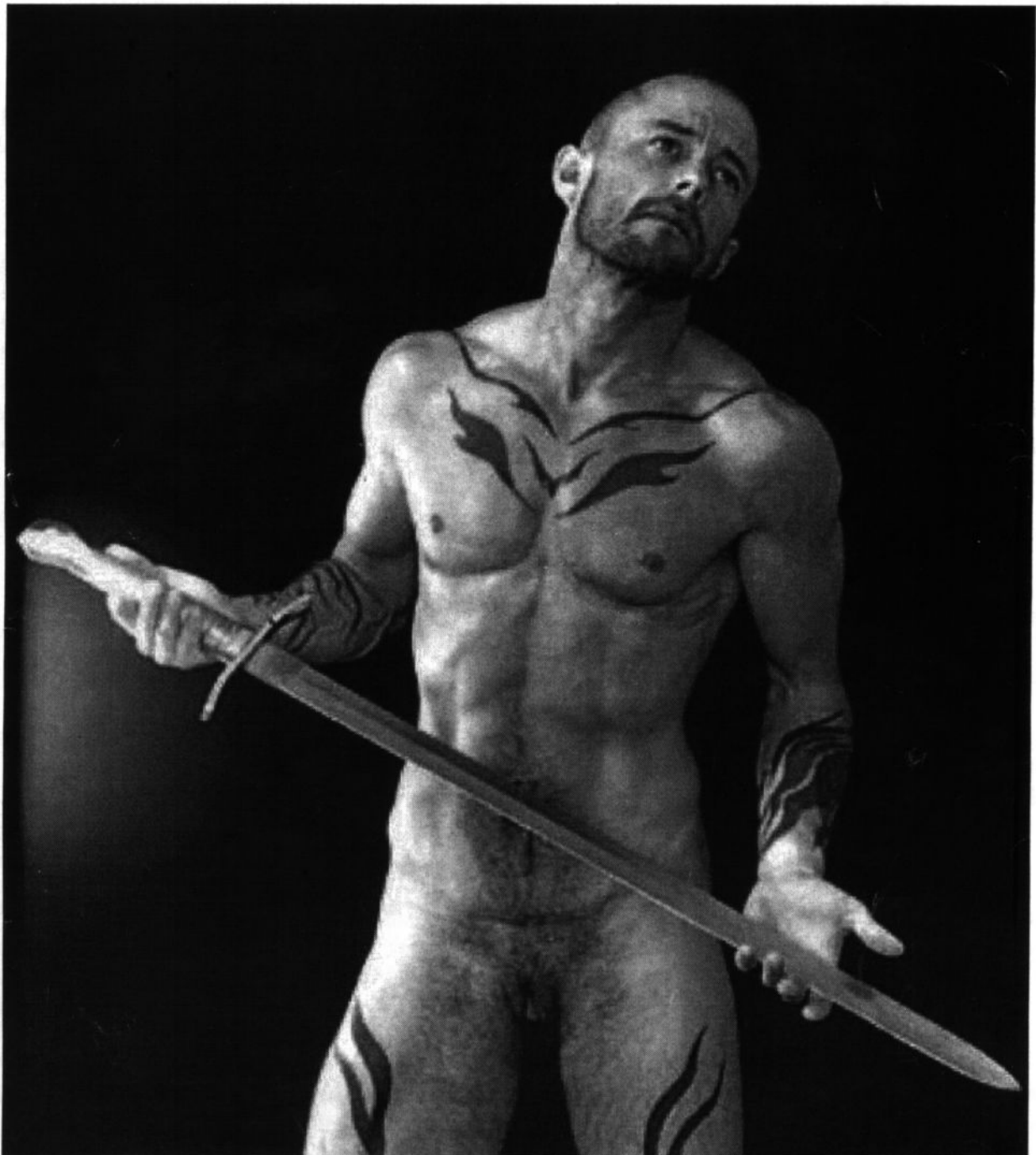


O QUE ELES QUEREM DE NOSSOS CORPOS?

"Gênero e genitais são o reduto do controle que liga cada pessoa a uma ordem social que tem dificuldades em tolerar a diversidade e a mudança (Jamison Green)"



Na foto da capa: Loren Cameron, fotógrafo e transexual FTM
Impresso por conta própria, Milão em outubro de 2008
Contato:
Alex c / o Vegan Villa ocupada
Via Litta Modignani 66
20161 Milan
screamingwolf81@yahoo.it

Original em italiano:
**COSA VOGLIONO
DAI NOSTRI CORPI?**

traduzido por t.
okupesuavida@riseup.net

INTRODUÇÃO

a variabilidade sexual, a teoria queer

Desde os primórdios, a humanidade tem vivido com a variabilidade na atividade sexual. Cada sociedade deve encontrar maneiras de lidar com isso, mas muitas vezes falha miseravelmente. No norte industrializado do mundo, por vários séculos, a disciplina e o controle da variabilidade sexual coincidiram totalmente com a construção de uma divisão estrita entre o modelo heterossexual ("normal") e o modelo orientado ("anormal", "pervertido" "desviante"), e entre macho e fêmea. Este foi consagrado por igrejas e estados, e foi suportado pelo sistema educacional, pela medicina, pelos serviços sociais, pelo preconceito popular. Em outras áreas do mundo e, em alguns períodos da história humana, os indivíduos não conformistas com o sexo e gênero têm tido um considerável grau de aceitação social, enquanto outros foram removidos, também da memória.

Independentemente disso, no entanto, a partir do modelo adotado em várias partes do mundo, existem algumas características comuns relevantes para a regulação e controle. Elas dizem respeito a sexualidade masculina, subordinando geralmente a diferença sexual aos valores tradicionais, o que têm ajudado a marginalizar e, geralmente, a condenar aqueles que não estão em conformidade com as normas culturais vigentes. A novidade é que hoje aqueles que uma vez foram regularmente ignorados pela história agora estão surgindo. Desde os anos setenta há um movimento de gays e lésbicas organizados em nível global, muitas vezes divididos entre o desejo de "inclusão" (exigindo direitos civis legalmente iguais ao heterossexual) e de "ruptura", como evidenciado pela disseminação da teoria queer. A política queer surgiu no final dos anos oitenta e se desenvolveu durante os anos noventa, e tem sido caracterizada como uma reação a uma política restrita de identidade e de categorias muito rígidas. A política queer tem sido um desafio ao pensamento tradicional e também se opõe à atitude do movimento gay e lésbico pelos direitos civis. O desafio definitivo centra-se na rejeição da opressão de gênero e no questionamento massivo da unidade, estabilidade e utilidade política das identidades sexuais e de gênero, contudo, eles ainda são usados e assumidos. Nesta política queer há mais pontos em comum com o desenvolvimento de uma política e uma teoria transgênero. Em fato, ao longo dos últimos anos um emergente e cada vez mais forte movimento de libertação transgênero está colocando em discussão e desafiando as raízes da crença estabelecida da existência de um sistema sexual e de gênero "binário", ou seja, composto apenas de fêmeas e machos.

TRANSEXUALISMO: O QUE É vamos voltar alguns passos para trás

“É um menino ou uma menina ?” Esta é a primeira questão que surge em cada nascimento. E uma rápida olhada para os genitais normalmente fornece a resposta. Você conhece alguém pela primeira vez e, provavelmente inconscientemente, de modo automático, sabe se é um macho ou uma fêmea. Se você não consegue entender, podemos surpreendê-lo para procurar pistas. Não se sabe porque razões, parece ser uma coisa importante a saber.

Muitos de nós são fortemente influenciados pelo ponto de vista cultural da dualidade, o dimorfismo de rótulos de sexo e gênero. Mesmo entre as pessoas que se consideram abertas para a diversidade de gênero e orientação sexual, essas crenças estão profundamente enraizadas. Mas a vida e a natureza são muito mais complexas que isso.

A literatura científica define transexual a pessoa que vive um mal-estar irreprimível e contínuo com relação ao sexo de nascença. Este inconveniente é remediado apenas através da eliminação de algumas características relacionadas ao sexo de origem e assumindo o sexo correspondente a identidade de gênero da pessoa. Alguns transexuais, portanto, empreendem um processo de "transição" no físico e social, submetendo-

se a terapia hormonal e intervenções cirúrgicas para desenvolver as características físicas do sexo afim, e vivendo socialmente de acordo com o seu gênero de escolha.

De acordo com estimativas aproximadas, consideramos que na Itália existem mais de 11.000 transexuais, concentrados principalmente em grandes áreas urbanas; no mundo, uma pessoa a cada 12.000 é transexual masculino para o feminino (MTF = Masculino para Feminino), enquanto uma pessoa a cada 30.000 é transexual mulher para homem (FTM = mulher para homem) *. A estimativa definitivamente está bem abaixo, pois o recenseamento é feito a partir de transexuais que tiveram acesso a cuidados médicos para realizar o caminho de transição, e não levam em conta aqueles que, por razões diversas, não recorrem à medicina para resolver o seu próprio desconforto e até mesmo aqueles que já empreenderam um processo de transição e não chegaram a cirurgia de redesignação genital. Inestimável é o número de pessoas, se sentem transgêneros ou gênero queer (e, portanto, não é reconhecido no gênero que tem sido socialmente atribuído no momento do nascimento) não sentem a necessidade de fazer alterações no seu corpo, mas ainda vive de forma diferente das normas sociais de prevalente de gênero ou abertamente se opuseram a eles.

A maioria tradicionalmente heterossexual mantém-se particularmente desorientado pelo fato de que muitas pessoas que fizeram a mudança de sexo, após o tratamento ou operação, são também gays ou lésbicas. Há uma confusão enorme, nas pessoas, entre os conceitos de orientação sexual e identidade de gênero. Existe uma realidade ainda mais rica e mais diversificada: inclui um cross-dresser ou travesti, hermafrodita, ou intersexual (nasceu com genitália ambígua ou combinações de cromossomos anormais), eunucos (na Índia, os hijras). Inclui pessoas que são transgênero na medida em que eles vivem suas vidas sob um tipo diferente de seu sexo biológico, apesar de não ter feito nada para alterá-lo, as pessoas que se beneficiaram da mudança de sexo parcial ou total por meio de cirurgia e terapia hormonal, e outros que optaram apenas por terapia hormonal. Esse universo inclui indivíduos de diferentes orientações sexuais: gays, heterossexuais, bissexuais, pansexual.

Para aqueles que sentem a necessidade de abordar a transição de gênero até o fim, o processo envolve no final do caminho a mudança dos dados anagrafícos (documentação) mas só com autorização do tribunal e com a condição de que o sujeito seja submetido a perícia psiquiátrica, a terapia hormonal e a operação cirúrgica (algumas são "obrigatórias") segundo quão rigidamente for estabelecido pela legislação vigente. Ao sujeito não é deixado nenhum espaço para a auto-determinação e auto-gestão do próprio corpo, tempo e modo de transição são regulados pela instituição médica em convivência com a rígida burocracia imposta pelo Estado. A partir do que foi relatado, deduzimos que o termo "transexual" tem uma origem medicalizada e leva em consideração apenas as pessoas que se sentem e desejam realizar uma transição completa de um sexo para outro.

Na cultura ocidental a identidade trans foi definida como doença psiquiátrica: classificada, ao longo dos anos, primeiro como uma perversão, então, como uma psicopatologia, agora como "distúrbio" de identidade. O paradoxo dessa definição é que se trata da única patologia psiquiátrica a não ser curada psiquiatricamente. A psiquiatria na verdade, não "cura" a pessoa cancelando seu desconforto com o sexo de origem, mas mudando o corpo através de terapias endocrinológicas e/ou cirurgia. O movimento Trans mundial rejeita o enquadramento psiquiátrico de sua própria condição. Nos últimos anos, expoentes do movimento Trans mundial contestaram a idéia que classifica como patologia psiquiátrica a identidade de gênero que criam um desconforto relacionado ao corpo e/ou que desviam do binômio cultural dominante (masculino é igual a homem e feminino é igual mulher). Refutando a teoria de que os problemas relacionados à identidade de gênero seriam uma patologia mental ou biológica, chegando a definir estas condições como variações naturais da compreensão comum e binária do gênero. Para ajudar na despatologização do fenômeno, a expressão "variabilidade de gênero" têm sido apoiada, postulando a existência natural de infinitas identidades de gênero possível entre os indivíduos.

Segundo Martine Rothblatt e Diana Nardacchione, teóricos e escritores transgênero, "o masculino e o feminino são estereótipos culturais que na história têm sido erroneamente atribuídos à classificação de identidade biológica. Ao considerar os estereótipos sexuais como fenômenos congênito/biológico,

*Se trata, contudo, de definições que reforçam um conceito binário de gênero, portando não ideal. Eles são utilizados neste contexto, apenas para uma compreensão rápida e fácil de alguns dos conceitos de maior complexidade.

aparentemente lhes dá as características de imutabilidade e resistência a qualquer tentativa de manipulação externa.

Este acaba por ser "politicamente correto", ou seja, coerente e sinérgico com a organização da sociedade que fornece status e papéis diferentes para homens e mulheres. No nosso sistema de cultura os dois sexos são representados em termos do simbólico como "opostos", mas na verdade estatisticamente são em grande parte coincidentes. Não existe, então, características comportamentais exclusivas à um dos dois sexos. Cada característica comportamental atribuída a um dos sexos em um sistema cultural, seria vista como característica peculiar do sexo oposto em um outro contexto geográfico e/ou temporal".

A "variabilidade de gênero" natural do ser humano seria mortificada pelo binarismo cultural que oferece apenas duas opções: masculino ou feminino. As pessoas trans não são mais os indivíduos mais afetados pelo binarismo na expressão de sua própria identidade, os que menos estão de acordo com o estereótipo ligado a um sexo biológico de origem, "aqueles que fazem a escolha mais evidente e visível: a mudança de gênero. Nesta representação, eles, portanto, representam apenas a ponta do iceberg, sendo o binarismo de gênero um limite forte para todos os indivíduos, de todas as orientações sexuais e de gênero". De acordo com o Nardacchione, mais cedo ou mais tarde você terá que admitir que a variabilidade do gênero é realmente um recurso que todos os indivíduos possuem a um nível subconsciente, e a que só alguns, aqueles para os quais o encarceramento em um estereótipo é mais prejudicial - pessoas trans - decidem recorrer. Não seria patológico a identidade trans em si, mas o binarismo cultural masculino / feminino, que leva as pessoas a cuja identidade de gênero não corresponde ao estereótipo atribuído ao seu sexo biológico para realizar a adaptação do gênero. Nardacchione e Rothblatt especulam que o momento é propício para apenas uma opção: o fim do binarismo de gênero, "a liberdade de toda pessoa de ser ou não ser ou de como ser "homem" ou "mulher", reconhecendo que somos todos gays, transexuais e heterossexuais, parte de uma realidade única e homogênea. Nesta perspectiva a identidade de gênero e orientação sexual deveriam, então, tornarem fatos absolutamente privados e irrelevantes para o quadro social, cultural e legal, resultando na superação do sistema social machista e misógeno.

DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO

transfobia e sexismo

Colocando-se entre o dualismo macho-fêmea, a experiência transexual rompe com os padrões dicotômicos, "naturais" e sociais, induzindo um discurso comum para uma reflexão mais cuidadosa sobre o que é considerado legítimo e legal. O "desvio" das normas que regem a sexualidade, a preferência sexual e os papéis de gênero são confrontados com uma série de preconceitos e representações sociais negativas, seguidos uma série de discriminação que as pessoas transexuais têm enfrentado e ainda são obrigados a sofrer. Dificuldade em encontrar um emprego, rejeição da família, desprezo e a exclusão social e até atos de violência e assassinatos são comuns, e a Itália é o segundo país do mundo em número de pessoas transexuais assassinadas a cada ano. Na raiz desta violência está o estigma cultural e social que afeta as pessoas trans, chamado de "transfobia", um termo usado para descrever as práticas discriminatórias e atitudes punitivas que visam àqueles que se desviam das rígidas expectativas de gênero da nossa sociedade.

A palavra "transfobia" tem uma origem diferente do termo "homofobia", que significa "o medo irracional e ódio violento contra pessoas homossexuais (neste caso, é uma espécie de aversão semelhante ao racismo), ou ações que surgem a partir dele, ou que sejam imputáveis. A homofobia pode chegar à violência física e assassinato, motivado, pura e simplesmente, pela homossexualidade da vítima". Homofobia resulta do "heterossexismo", definido como "a convicção absoluta, decorrente ou a partir de observações (incorretas) naturais ou de crenças religiosas, que, segundo elas, os homens devem desejar sexualmente mulheres e vice-versa. Além das várias considerações éticas e religiosas, o conflito do heterossexismo é que só a relação sexual heterossexual garante a manutenção das espécies, da raça, do casamento, do nome, do código genético".

A "transfobia", em vez disso, deriva do "generismo" definido como "convicção absoluta, decorrente de observações naturais (incorreta), ou crenças científicas (incorreta), ou crenças religiosas, segundo a qual os sexos são dois e não podem ser alterados ou modificados. Além das várias considerações éticas e religiosas, o generismo é "pseudo científico": os sexos são determinados por combinações cromossômicas: XX para fêmea, XY para o sexo masculino, e a definição de um cromossomo individual é imutável. Por conseguinte, se os sexos são dois, também os gêneros sexuais devem estar de acordo com o sexo de aparência".

O ponto em comum entre heterossexismo e generismo é o sexismo, termo que sempre foi usado para descrever atitudes discriminatórias com base na suposta superioridade dos homens contra as mulheres, mas que realmente deve ser estendida a qualquer discriminação baseada no gênero ou sexo. Observe que a homofobia também muitas vezes tem origem no generismo, enquanto a causa real de alguns ataques a pessoas gays ou lésbicas não está no seu comportamento ou no seu gosto sexual, mas em sua representação pessoal do gênero. O que foi estigmatizado pelo agressor era a expressão de gênero ambíguo da vítima, considerado muito "afeminado" no caso de homens ou muito "masculino" no caso das mulheres. Até mesmo os termos usados para insultar e difamar os gays ou lésbicas não visam tanta ênfase no seu comportamento sexual quanto sua expressão de gênero, que às vezes se desvia da norma do binarismo brutal ("bicha", "viado" se referindo a um homem com atitude supostamente efeminada, "sapatão", "caminhoneiro" e outros se referem à masculinidade de algumas lésbicas). Mas não só isso.

O CONTROLE DE GÊNERO

porque controlar

Por que os regimes, independentemente da sua cor política, sentem a necessidade de interferir na vida sexual de seus cidadãos adultos? A explicação psicossocial é que a coesão social depende de um grau de "repressão sexual" (usando as palavras de Freud) ou "restrito" (como o direito moral). Deste ponto de vista, algumas formas de comportamento sexual considerado anti-social deve ser rejeitado, a fim de manter a ordem social. Esta é a tese daqueles que proibiram a homossexualidade como uma ameaça à sua definição de "família". O sexo destinado à reprodução de repente torna-se de importância absoluta. A desintegração da família nuclear heterossexual é carregada de todo mal social, e os homossexuais tornam-se a personificação da irresponsabilidade social por causa de seu suposto abandono desta instituição.

Mas talvez o ponto em questão não é tanto a "família", mas o poder que ela detém. As feministas têm mostrado como a ideologia da família, com suas divisões rígidas de gênero, é a pedra angular do patriarcado, as feministas socialistas acrescentaram, também, que é a pedra fundamental do capitalismo. Hoje se trata de um capitalismo de consumo globalizado: a heterossexualidade é ativamente promovida nacionalmente pelo Estado, pela mídia e corporações multinacionais, através da publicidade, programas de televisão e marketing direcionado, que ainda representam as mulheres como donas de casa ou como doces e objetos sexuais bastante atraentes para o consumo de homens, reforçando uma divisão de gênero ligados aos estereótipos tradicionais, e uma heterossexualidade normativa que é a única opção possível.

Embora a "ameaça a família" seja uma das expressões ideológicas mais comuns da homofobia, a verdadeira contradição é provavelmente mais profundamente enraizada: tem a ver com o gênero. O desvio das normas heterossexuais representa uma ameaça, pois aparece como um desafio para as regras convencionais que regulam o sexo de um indivíduo, sua preferência sexual e, em geral os papéis masculinos e femininos na sociedade. A afirmação da identidade homossexual desafia abertamente o caráter na aparência natural dos papéis de gênero. Que as mulheres podem encontrar satisfação emocional e sexual entre elas é claramente uma ameaça a muitos homens heterossexuais. E também o fato de que os homens estabelecem relações fundamentais entre eles sugere que há outras maneiras de organizar a vida emocional e sexual do que aquelas sancionada pela religião e estado.

A homossexualidade em si, talvez não represente uma ameaça real a qualquer ordem ou regime social estabelecido; afinal de contas, vários regimes ultra-conservadores toleram uma certa quantidade de homossexualidade não declarada. A verdadeira ameaça aparece quando as atividades das minorias sexuais tornam-se parte de uma forma alternativa de vida. "Quando você apóia a idéia de pluralismo sexual" - explica Weeks - "na verdade você está apoiando implicitamente um pluralismo social e político. Quando se afirma sua identidade lésbica ou gay, quando se manifesta o seu próprio sentimento de pertencer a movimentos sociais e comunidades organizadas de acordo com sua preferência sexual, se está fazendo uma declaração política. A homossexualidade, em seguida, torna-se muito mais do que um capricho de uma escolha individual ou privada. Torna-se um desafio para os valores absolutos de todos os tipos. Os regimes autoritários não gostam disso".

“O GAY” NÃO EXISTE comportamento ou identidade?

É por razões de necessidade e conveniência estratégica, portanto, que as pessoas atraídas principalmente por pessoas do mesmo sexo começaram a assumir a identidade política de "gay". "Gay" é a palavra que o movimento de libertação sexual americano escolheu para definir a si mesmo no momento de seu nascimento, em 1969. Antes era usado o termo "homossexual". Mas a identidade "homossexual" foi inventada em um ano bem preciso: o de 1869.

Mais importante para este nascimento recente, porém, é o fato de que a própria idéia de que a atividade sexual com pessoas do mesmo sexo não é algo que pode acontecer a qualquer um, mas é propriedade exclusiva de uma classe específica de indivíduos, surgiu apenas na segunda metade do século XVIII. Neste mesmo período de urgência classificatória, a medicina usava outras definições de indivíduos "patológicos" além dos homossexuais: o alcoólatra, a mulher histérica, o criminoso, o exibicionista. No momento em que ter relações, também ou somente, com pessoas do mesmo sexo deixa de ser um comportamento ou uma preferência como qualquer outra, e se torna uma espécie de "tara" genética, nasce o conceito moderno de "homossexual".

A partir daqui, ter relações homossexuais começou a ser associada com a efeminação, enquanto durante séculos a efeminação foi, senão, a típica acusação dirigida aos aristocratas, o dandy. Efeminação levava a pensar em luxo, luxúria e libertinagem, não amor por homens: a idéia era que você fica mais efeminado se relacionando com muitas mulheres, coisa que não é realmente atribuível aos homossexuais.

Em sua "História da Sexualidade", o filósofo Michel Foucault argumenta o fato de que a homossexualidade, como uma categoria usada para definir um grupo específico de indivíduos, nasce apenas no final do século XVIII. O ponto decisivo está na medicalização da homossexualidade e na aquisição de psiquiatras nos tribunais e na sociedade: homossexualidade é, portanto, uma das novas categorias produzidas por um sistema de poder e controle, no qual o Direito e Medicina estão trabalhando em estreita colaboração. O estudo da homossexualidade reflete a lógica da dominação, que quer estabelecer uma classe de indivíduos a parte (homossexuais) para separá-lo do resto da sociedade e usá-los para sinalizar nas fronteiras mais óbvias e reconhecíveis da masculinidade. Pelos médicos do final do século XVIII, os "invertidos" começam a ser mesmo considerados como um "terceiro sexo", biologicamente distintos do macho e da fêmea. O instinto natural de atração, a capacidade de amar as pessoas, independentemente de seu sexo biológico torna-se uma perversão, e essa visão ainda afeta algumas idéias que a sociedade tem sobre o assunto. Felizmente, a homossexualidade não é mais considerado uma doença, mas ainda, aquele que se sente atraído por pessoas do mesmo sexo é praticamente obrigado, de acordo com um mecanismo de poder, a assumir uma identidade gay, que não poderia representá-lo em tudo, mas que irá marcá-lo para a vida .

"Descobrir-se gay" ainda é visto como algo traumático, como se sentir atraído por pessoas do nosso próprio sexo implicaria que nós não somos mais os mesmos, mas somos qualquer coisa nova, anormal; já soa

um alarme, "eu acho que talvez eu não sou como eles, eu não me sinto GAY" ... as associações e os meios de comunicação em massa reforçam este conceito, estimulando a identificação coletiva, a autoguetização, a aprovação do mesmo estilo, mesma cultura, da mesma música e da mesma forma de vida. O gay se torna um sujeito em si mesmo, cada vez mais distante de nós, que nós certamente aceitamos, nós não discriminamos, mas no final não têm muito em comum com a gente ...

É verdade que no nível tático construir uma identidade compartilhada tem sua eficácia. Mas essa identidade que criamos para fins estratégicos, não pode se tornar nossa gaiola comunitária, não devemos esquecer as razões pelas quais criamos e o fato de que quando voltar para a casa dos acontecimentos voltamos a ser indivíduos únicos em nossa individualidade. Por um lado heterossexual, homossexual por outro ... bissexuais que não existem. Temos certeza de que seja eficaz construir barricadas entre nós, em vez de lutar pela liberdade total de expressão para todos e para a destruição de todos os estereótipos e morais sobre seu sexo e gênero?

Na China, onde as questões das minorias sexuais estão se tornando mais e mais forte, muito poucas pessoas se referem à noção de identidade homossexual. De acordo com Chou Wah-shan, escritor chinês e acadêmico, a relutância em assumir uma identidade homossexual não deve ser visto exclusivamente como um produto de homofobia. Muitos chineses enfatizam que a sexualidade é apenas um dos componentes fundamentais da vida e que não marca como pessoas que pertencem a uma categoria por si só. A cultura tradicional chinesa tem uma concepção mais fluida de sexualidade e trata a homossexualidade como uma opção que a maioria das pessoas pode experimentar, e não como algo confinado a uma minoria sexual com as suas características específicas e únicas. Acho que isso pode ser o caminho certo a seguir.

A "AMBIGUIDADE" INTOLERÁVEL sexo, hermafroditas, machos e fêmeas

O intersexual, que popularmente chamamos de "hermafrodita", geralmente nasce com genitais intermediárias entre masculino e feminino, raramente com os dois dispositivos completos como nas lendas. O número de tais nascimentos é maior do que a maioria considera, com o maior percentual, 4% nos EUA: ou cerca de dez milhões de crianças por ano. Segundo a Sociedade Intersex da América do Norte, uma criança a cada 2.000 nasce com genitália ambígua. Existem nos Estados Unidos mais de 2.000 departamentos de cirurgia destinados a efetuar a cada ano cirurgias de redesignação sexual para este tipo de pacientes com intersexuais. A Sociedade intersex promove uma luta contra o que vem a ser considerada uma prática médica antiética, a cirurgia plástica em crianças que não podem expressar o seu consentimento.

Os médicos acreditam que uma boa qualidade de vida só é possível para aqueles indivíduos que respondem ao sexo e gênero masculino ou feminino. O fundador da Sociedade Intersex, Cheryl Chase, no entanto, acredita que "a maioria das pessoas estariam melhor sem cirurgia". Nascido com genitália ambígua, foi criado como um menino até 18 meses; nessa idade os médicos disseram a sua família que ele era na verdade uma menina e que, por conseguinte, seria necessário proceder à remoção do clitóris avantajado. Aos 8 anos de idade, foram submetidos à operação para remover o que ele soube mais tarde ser a porção testicular de seus ovários-testículos. Atualmente vive como uma mulher. A incisão cirúrgica e o tecido cicatricial a privaram da sensibilidade do clitóris e da resposta orgásmica. Ms. Chase afirma que: "Mutilação genital" é uma definição que para nós é facilmente aplicada a todos aqueles que pertencem a uma cultura do Terceiro Mundo, exceto que qualquer prática de mutilação realizada por médicos licenciados no nosso mundo, possuem uma aura de credibilidade científica". A mesma experiência de Chase é compartilhada por muitas crianças intersexuais perseguidas e submetidas a repetidos exames injustificados, a intervenções cirúrgicas, a sofrimentos e infecções.

A cirurgia genital estética é utilizada para "normalizar" a aparência da genitália ambígua. O termo "ambíguo" se refere ao desvio do que é considerado normal, a partir de um aspecto puramente estético e não funcional (a genitália ambígua dessas crianças, em geral, funcionam corretamente e não criam desconforto físico algum). Os cirurgiões admitem que é uma tentativa de aliviar uma "emergência psicossocial" e não uma médica. Em vez de oferecer às crianças intersexuais e suas famílias um suporte na aceitação de sua própria diversidade, os médicos estimulam uma crise para que possam então resolver com a tecnologia médica disponível. A genitália ambígua antes da cirurgia é chamada de "deformada" e depois "corrigida". A experiência, no entanto, relatada por alguns intersex que durante a infância passaram por este processo, falam de uma "integridade" anterior a operação que depois transforma-se em mutilação. O ditado "é mais fácil cavar um buraco do que construir um poste" dá a razão porque a maioria dos intersexo tem sido transformado em mulher, sem levar em conta a real identidade de gênero da criança operada (muitas vezes estas crianças intersexuais, quando adultos, se descobrem transexuais, onde o novo sexo reatribuído pelos cirurgiões não corresponde com aquele sentido). Com base nos critérios de masculinidade, o pênis não deve medir menos de 2,5 cm, e para aqueles de feminilidade, um clitóris não deve ser maior de 0,9 cm. As crianças com membros entre 0,9 e 2,5 cm, de acordo com a psicóloga Suzanne Kessler, são consideradas inaceitáveis e precisam de cirurgia. Ela pode operar crianças de seis semanas para aprofundar a vagina, embora a abordagem cirúrgica, nem sempre garante sucesso e, portanto, envolve repetidas intervenções durante as várias fases de crescimento. Suzanne Kessler observa que a ambigüidade genital é "correta" não como uma ameaça as vidas de crianças, mas para a cultura em que a criança nasceu.

Na verdade, identificar o gênero de um indivíduo é muito mais complexo do que se imaginava. Na natureza não existe absoluto, apenas probabilidades estatísticas. Todos nós começamos nossas vidas com uma anatomia comum embrionária que, então, varia dependendo da presença ou ausência do cromossomo Y. Este último ativa a produção de testosterona, de receptores apropriados no cérebro e a formação dos testículos. As outras características que não se desenvolvem permanecem no corpo num estado latente.

A determinação do sexo biológico de uma pessoa pode levar em consideração uma série de fatores. Eles incluem os cromossomos sexuais (por exemplo, X e Y); hormônios sexuais (estrogênio e testosterona), gônadas (ovários e testículos), sexo, do ponto de vista dos órgãos genitais externos (por exemplo, vagina e pênis), os sexo em termos de reprodução (transporte dos espermatozoides e fertilização; gestação e lactação), e outros relacionados com órgãos internos (como útero ou próstata). Esses fatores nem sempre coexistem. Na verdade, a ciência exige que cada um de nós se situe em algum lugar ao longo de um contínuo. A distinção chamada biológica entre homens e mulheres é bastante confusa.

Nas mesmas pessoas que por outras razões, rejeitam a ciência como uma doutrina universal que explica e classifica a realidade em que vivemos, podemos ver esses preconceitos sobre o dimorfismo sexual extraídas de um mesmo paradigma científico. Como vimos, entre outras coisas, até mesmo a ciência não tem respostas definitivas e explicações convincentes para identificar essa separação entre machos e fêmeas; é evidente que a ciência, subserviente à necessidade de controle social sobre os corpos e sexo, foi habilmente selecionando pesquisas e notícias no processo de construção de uma ideologia dominante que seja cômoda àqueles que detêm o poder, e não tolera ambigüidade e qualquer expansão do espectro de liberdade pessoal de cada um dos nós.

BINARISMO DE GÊNERO

conclusões

"Quantos sexos e gêneros existem?", pergunta Gilbert Herdt no momento em que critica o paradigma do modelo incontroverso dois-sexos/dois-gêneros que permeou o pensamento ocidental, limitando até mesmo os progressistas, como Darwin e Freud.

O sistema de dualismo sexual não é inevitável. É apenas um produto da sociedade vinculada à reprodução, Herdt conclui: "Precisamos de uma antropologia e uma história social do desejo, levando a aproximações para a compreensão da realidade vivenciada pelas próprias pessoas. "

Leslie Feinberg, escritor e ativista transgênero, diz: "O movimento de libertação das mulheres provocou uma discussão em massa da degradação sistemática, violência e discriminação sofridas pelas mulheres na sociedade. Este foi um primeiro passo fundamental. Agora outro movimento está surgindo no palco da história: a Libertação Trans. Estamos mais uma vez, levantando questões sobre como a sociedade trata as pessoas de acordo com sexo e gênero. Essa discussão vai proporcionar novas contribuições para a consciência humana". Qualquer que seja nossa raça ou sexo, a luta tem o potencial de libertar-nos todos das formas rígidas e estereotipadas de ser masculino ou feminino.

O movimento libertário e antispécista devem também interrogar-se sobre essas questões, se queremos construir um mundo onde todos são livres, não só do condicionamento e das correntes que vêm de cima, mas também daquelas que criamos sozinhos. Tópicos que não são exclusivos para gays, lésbicas e transexuais (que ainda estão entre nós), mas que afeta a todos nós, quando a atração que sentimos podem seguir caminhos diferentes do que pensamos ou quando, cansado dos mesmos estereótipos de homens e mulheres que continuam a se repetir, nós rejeitamos esses papéis e nos tornamos "outsiders", queer, transgêneros. Não só as pessoas trans, mas qualquer um que pode libertar-se das imposições culturais e sociais de gêneros e viver respeitando completamente a sua própria e outras auto-determinações é um sujeito ativo de uma prática de libertação que se inicia a partir de sua própria identidade de gênero e sexualidade para minar qualquer rigidez comportamental e obrigação moral, qualquer imposição coercitiva e aceitação acrítica de qualquer sociedade de espetáculo e consumo.

BIBLIOGRAFIA

- Monica Romano "Diurna" (ed. Costa&Nolan)
- Leslie Feinberg "Transgender Warriors"
- Riki Wilchins "Queer Theory, Gender Theory"
- Mila Busoni "Genere, sesso, cultura" (ed. Carocci)
- Paolo Zanotti "Il Gay" (ed. Fazi)
- Vanessa Baird "Le diversità sessuali" (ed. Carocci)
- Martine Rothblatt "L'apartheid del sesso" (ed. Il Saggiatore)
- Diana Nardacchione "Transessualismo e transgender. Superando gli stereotipi" (ed. Il dito e la luna)
- "I transessuali nel discorso comune" (Progetto Transiti) www.transiti.net

Outros livros recomendados:

- Leslie Feinberg "Stone butch blues" (ed. Il dito e la luna)
- Leslie Feinberg "Trans liberation: beyond pink and blue"
- Mary Nicotra "TransAzioni" (ed. Vibrazioni)
- Sandro Bellassai "La mascolinità contemporanea" (ed. Carocci)
- Nicoletta Poidimani "Oltre le monoculture del genere" (ed. Mimesis)
- Beatriz Preciado "Manifiesto contra-sessuale" (ed. Il dito e la luna)
- Teresa de Lauretis "Soggetti eccentrici" (ed. Feltrinelli)
- Judith Butler "Scambi di genere" (Sansoni)
- Judith Butler "Corpi che contano" (Feltrinelli)
- Anne Fausto-Sterling "Sexing the body"
- Riki Anne Wilchins "Read my lips"
- Kate Bornstein "Gender Outlaw"
- AAVV "Genderqueer" edited by Joan Nestle, Clare Howell and Riki Wilchins
- Laura Guidi e Annamaria Lamarra "Travestimenti e metamorfosi" (ed. Filema)

Endereços na internet:

www.transgendermilano.org
www.azionetrans.it
www.mit-italia.it
www.facciamobreccia.org
www.mariomieli.org

Filmes

- Boys don't cry
- Transamerica
- La mia vita in rosa
- XXY
- Venus Boyz
- Beautiful Boxer
- La Mala Educatiòn
- Crisalidi

Anti-copyright
O que você gostar é seu!
Pegue e use sem pedir permissão.



SQUAT KORR-CELL